



A ESTRUTURA ONTOLÓGICA DA LINGUAGEM EM *SER E TEMPO*

Tatiane Boechat¹

Resumo: Apesar da problemática da linguagem ser tratada de modo mais incisivo nas etapas posteriores do pensamento de Heidegger, é no período que culmina com *Ser e tempo* que o presente artigo circunscreve esta questão. Seguindo o delineamento da noção de linguagem nessa obra, abordaremos alguns existenciais fundamentais do *Dasein* que possibilitam uma interpretação originária da linguagem. Existenciais significam as estruturas ontológicas da existência. Os modos de abertura a serem analisados são: compreensão (*Verstehen*), interpretação (*Auslegung*) e proposição (*Aussage*). Ao considerarmos a co-originariedade dos existenciais visualizaremos a dimensão ontológica que a linguagem assume através da noção de discurso (*Rede*). O discurso viabiliza as proposições lógico-semânticas por caracterizar-se como estruturação prévia de sentido. Para tanto, considera-se a proposição como caráter derivado do discurso. Em Heidegger, a linguagem não se explica a partir de sua dimensão comunicativa ou desde o fenômeno da expressão, eles são consequência do caráter de *ser-em* (*In-sein*) do *Dasein*. A estruturação do *como* hermenêutico na analítica existencial perfaz o movimento mesmo da linguagem ao supor que **sentido** é algo no qual nos movemos. A abordagem da linguagem em *Ser e tempo*, abre a dimensão hermenêutica em que Heidegger apóia o seu pensamento posterior.

Palavras-chave: discurso; compreensão; interpretação.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos. Pesquisadora da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. tatiboechat@hotmail.com



Desde as primeiras obras do filósofo alemão Martin Heidegger, já se encontram em discussão os problemas da predicação e da doutrina da significação. Ao investigar esta questão, Heidegger percebe o caráter originário que a noção de linguagem alcança. Para ele, um questionamento sobre o ser deve, de certo modo, passar pelo questionamento da linguagem. Ser e linguagem devem ser abordados paralelamente. A temática entre ser e linguagem vem desde cedo delineando seu caminho filosófico (Heidegger, 2003, p.76). Na obra *Ser e tempo*, de 1927, esta temática adquire um maior aprofundamento. A estrutura da linguagem é tomada em sentido ontológico. O questionamento da linguagem mostra-se indiscernível da pergunta pelo *Dasein* (Heidegger, 2003, p.75). Pensar a linguagem implica perguntar pelo “ente que nós mesmos somos” e que lida com seu ser decidindo o sentido de ‘ser’ “a cada vez” (Heidegger, 1999, p.77). A investigação da linguagem está vinculada à pergunta pelo existir mesmo, ao questionamento acerca do sentido do ser. Em *Ser e tempo*, a relação entre ser e linguagem será formulada em meio a uma analítica da existência mediante um modo originário de abertura que pertence à estrutura mesma do *Dasein*: o discurso (*Rede*). Para elucidar esta estrutura, a análise heideggeriana apóia-se na “relação” que o *Dasein* guarda com mundo (ser-no-mundo/*In-der-Welt-sein*). Neste artigo não abordaremos esta noção em todos os seus momentos, já que ela vai assumir vários sentidos no todo da obra heideggeriana. Limitaremos a alguns dos significados, intrínsecos à noção de ser-no-mundo — à “relação” *a priori* que o *Dasein* guarda com a totalidade —, e que apontarão para a referência originária guardada na linguagem. Assim, o tema central dessa obra é expor a função de sentido que subjaz à pergunta pelo ser.

Nossa proposta é deter-nos no § 32 de *Ser e tempo* intitulado: *Compreensão e Interpretação*, no qual Heidegger começa a formular, de modo explícito, a noção ontológica de



linguagem, e entendermos que, em termos de uma analítica existencial, a linguagem deve ser vista através da clarificação das estruturas ontológicas da compreensão (*Verstehen*) e da interpretação (*Auslegung*). Estas estruturas são chamadas de “existenciais” porque se referem às estruturas fundamentais do ente que “existe”, o *Dasein*. A exposição destes dois existenciais abre caminho para entendermos o existencial *proposição* (*Aussage*) como forma derivada da interpretação (§33). O esquema proposicional será apresentado tendo, como forma subjacente à *proposição*, a interpretação. Portanto, nesta aproximação à estrutura da linguagem, deveremos expor este “ente” como instância estrutural do *Dasein* - o “ente que nós mesmos somos” e que lida com seu ser ao mesmo tempo em que decide o sentido de ser “a cada vez”. O entendimento das estruturas ontológicas mostrará a linguagem enquanto caráter ontológico de desvelamento dos entes, estrutura possibilitadora do acesso ao ente enquanto tal. Assim, além de expormos a estrutura básica do discurso, pretendemos sublinhar a dimensão constitutiva da linguagem.

Na analítica existencial, compreensão (*Verstehen*) é vista como um modo fundamental do ser do existente humano. Compreensão, entendida como um existencial fundamental, não deve ser tomada como “um modo possível de conhecimento entre outros” (Heidegger, 1999, p. 198). Ou como ato de conhecimento ou alguma atividade cognitiva do intelecto. Deve ser interpretada primordialmente como um modo de existir, um existencial que revela a maneira em que o *Dasein* relaciona-se com seu próprio ser. Existindo, o *Dasein* joga com seu ser, estabelece uma relação de ser com seu próprio ser; esta possibilidade mais própria é oferecida pela compreensão. Ela determina o *Dasein* enquanto abertura de significância. Existindo o *Dasein* está aberto para possibilidades. Assim, a compreensão abre a significância. Desde a compreensão, mundo é sempre possibilidade aberta. Este existencial torna possível que “mundo” seja a cada vez originariamente interpretado. Esta liberação da significância dos entes intramundanos corresponde à liberação do existente humano para suas possibilidades mais próprias. As possibilidades de ser do *Dasein* o determinam enquanto *poder ser*.



Existencialmente o *Dasein* sempre é possibilidade de ser. O existente humano só compreende-se de algum modo, porque, originariamente, ele é possibilidade de ser. Na compreensão o *Dasein* encontra-se como o que se projeta “em” meio as possibilidades, resultando num abarcamento de si mesmo. O modo em que cada existente humano desde sempre se encontra apresenta a estrutura fundamental do compreender. Esta estrutura é a possibilidade originária de abertura de possibilidades existenciais. Dessa forma, se entendemos compreensão como poder-ser – compreender relacionado à existência como possibilidade de ser - podemos dizer que o existente humano pode ser deste ou daquele modo porque existencialmente é possibilidade originária. O existencial compreender, visto como projeção das possibilidades de ser, possui como estrutura prévia (*Vorstruktur*), a estrutura “como” (Heidegger, 1999, p.205). Os entes que vêm ao encontro no mundo são interpretados em um *para que*, são interpretados como entes para algo, isto é, a partir de uma finalidade instrumental.

A estrutura prévia do compreender constitui-se de três momentos prévios que serão abordados na análise do existencial interpretação. Pois, é na tematização do existencial interpretação que Heidegger apresenta os elementos que determinam a estrutura prévia da compreensão.

A elaboração do que é compreendido, ou, do desvelado na compreensão, Heidegger a chama: interpretação (*Auslegung*). A interpretação é o próprio compreender elaborando-se em formas. Elaborar tem o sentido de um apropriar-se do que é compreendido. Na apropriação do compreendido o ente é explicitado. A interpretação permite apreender expressamente os entes que a circunvisão nos faz descobrir. Há uma tematização dos entes enquanto instrumentos, ou seja, o compreendido pode explicitar-se em seu *para que*. Ao caracterizar o *para que* de uma coisa a interpretação põe em evidência a rede de remetimentos em que esta coisa pode ser vista *como* algo. A estrutura que caracteriza e possibilita tal explicitação é a estrutura “como” (*als Struktur*) da compreensão. O “como” constitui a estrutura da expressividade do compreendido.



Toda e qualquer atividade do existente humano é tornada possível através da estruturação do “como”. Na atividade o existente humano lida com o ente enquanto alguma coisa, isto é, com o ente já explicitado em seu *para que*. Em sentido ontológico, a estrutura “como” é o esquema do compreender de acesso ao ente. O compreendido pode explicitar-se “como isto ou aquilo”. Esta estrutura expressa a funcionalidade possível dos entes encontrados na ocupação (*Besorgen*). Assim, interpretação é um existencial de articulação que acompanha de modo imediato o compreender. Uma rede de remetimentos é desde sempre uma elaboração compreensivo-interpretativa. Esta elaboração não pode ocorrer ou não ocorrer. Não vemos a ponte como um amontoado de pedras, mas “como” ponte, nem meu corpo como um amontoado de carnes, mas “como” um corpo unificado (Greisch, 1994, p.196).

Na estrutura prévia da interpretação, o ente é visualizado como ente útil para cumprir determinada função (Heidegger, 1999, p.205) Na ocupação do existente humano com os instrumentos emerge a interpretação. Nesta ocupação os entes são apreendidos na estrutura “como”. Este “como” é denominado de “como” hermenêutico. Nele os entes são visualizados em sua utilidade para algo, ao contrário de uma apreensão de tais entes no modo de uma proposição predicativa. O ente somente pode ser apreendido se antes lhe for atribuído um para que; descobrir algo como tal é captar sua funcionalidade. O “como” existencial hermenêutico que se realiza na interpretação é anterior à apreensão de algo no modo proposicional. No entanto, a interpretação não é ainda tematização. Esta é obra da linguagem, mais precisamente do enunciado predicativo. Apoiando-se na estrutura “como” da compreensão, em que algo é visto como algo, a proposição pode ser destacada. A partir daí visualizaremos em que sentido a proposição é um modo derivado da interpretação da compreensão.

No § 33 de *Ser e tempo*, Heidegger aborda explicitamente a linguagem ao desenvolver a análise da proposição (*Aussage*). Nesta análise, investiga-se a estrutura do enunciado de modo que a interpretação (*Auslegung*) seja entendida como forma subjacente das enunciações. Deste



modo, são apresentadas as modificações que ocorrem no enunciado em relação à interpretação. Na compreensão e interpretação, os entes são desvelados, já na proposição eles são descobertos em suas propriedades. As mudanças que ocorrem na proposição resultam da estrutura fundamental da interpretação. Ou seja, a demonstração, a predicação e a comunicação do ente no enunciado precisam, respectivamente, de uma *Vorhabe* (posição prévia), *Vorsicht* (visão prévia) e *Vorgriff* (concepção prévia). Os momentos estruturais da proposição derivam dos momentos estruturais da interpretação. Desse modo, a análise do enunciado deve se dar a partir das modificações ocorridas na estrutura “como” da interpretação. Na abordagem seguinte mostraremos como estas modificações são estabelecidas.

Inicialmente, Heidegger atribui três significados ao termo proposição. Os significados a serem trabalhados são encontrados no próprio fenômeno da proposição e juntos perfazem sua estrutura. São eles: indicação, predicação e comunicação. A proposição significa indicação. Neste sentido, proposição é o indicar fenomenologicamente o ente, ou seja, “deixar e fazer ver o ente a partir dele mesmo” (Heidegger, 1999, p.212). Na terminologia heideggeriana, indicação é um permitir ver; um descobrir que simplesmente se evidencia. Com a passagem da indicação ao segundo momento da proposição visualizaremos a modificação da estrutura “como”. No segundo momento, proposição significa predicação. A predicação possui o caráter de definir algo. O ente visto a partir dele mesmo, ou seja, indicado, torna-se, agora, o predicado que caracteriza o sujeito de uma oração. O ente é definido ao ser destacado da ordem de relações em que, inicialmente, é indicado. Por último, o que foi apresentado na predicação possui o caráter de comunicar. A partir da comunicação o ente pode ser partilhado; a proposição se expressa. A comunicação está vinculada à indicação e a predicação. Nesta vinculação se dá a comunicação aos outros do que foi indicado e predicado. A comunicação expressa o indicado no modo da proposição. Desse modo, o “deixar e fazer ver o ente” é comunicado aos outros. Na comunicação o proposto na proposição pode ser “transmitido” (Heidegger, 1999, p.213). Esta



transmissão exige um destacamento do ente do conjunto relacional em que é indicado. O que se torna acessível é o ente destacado. Neste momento da análise, o termo proposição pode ser descrito como sendo uma "demonstração que determina através da comunicação" (Heidegger, 1999, p.214). Na proposição acontece uma mudança na posição, visão e concepção prévias. Nela o ente não é mais apreendido como útil, mas passa a ser apreendido como um objeto sobre o qual a proposição discorre, mostrando propriedades deste ente. Ou melhor, para que seja possível uma proposição, o ente deve deixar de comparecer como útil tal como aparece no compreender, ele não deve ser apreendido como ente disponível, mas como ente subsistente.

Tal diferença na estrutura prévia da proposição que apreende o ente em seu caráter de subsistência é que possibilita a determinação do ente em suas propriedades, isto é, a partir de si mesmo e não de uma rede de remetimentos. Com esse acesso às propriedades se instaura, portanto, o enunciado predicativo. A proposição apreende o ente no modo da subsistência. O que ocorre é uma mudança na estrutura "como". O "como" hermenêutico da interpretação transforma-se no "como" apofântico da proposição. Assim, a interpretação é encontrada no modo de um enunciado apofântico. A modificação do "como" hermenêutico em "como" proposicional apenas é possível porque anteriormente há compreensão e interpretação de algo como algo num todo de remetimentos. Ou, ainda, porque o compreender desvela os entes e a interpretação explicita os entes desvelados. A partir daí os entes podem se tornar tema de uma proposição determinadora. Logo, o ente não é apreendido em seu caráter de útil, mas em suas propriedades. No "como" apofântico, o ente não é mais compreendido como algo adequado para esta ou aquela utilidade, mas como algo que possui tais e tais propriedades. De acordo com Heidegger, "o 'como' separou-se da significância constitutiva do mundo circundante" (Heidegger, 1999, p.216). Apresentada a definição da proposição aproximamo-nos da visualização da proposição como modo derivado da interpretação. Considerando isto,



evidencia-se a estrutura interpretativa como sendo prévia, na ordem da fundamentação, à estrutura enunciativa.

A apropriação do compreendido operada pela interpretação não tem necessariamente o caráter de uma proposição determinadora, isto é, de ser expressa em palavras. Esta operação da interpretação se dá em contextos de desvelamento dos entes a partir da estrutura “como”. Nestes contextos de desvelamento a estrutura de algo como algo da interpretação fornece significado aos entes desvelados. Há uma apropriação expressa do que é projetado na compreensão, isto significa que o *Dasein* pode discursar. A estrutura *como* é o modo como opera o discurso (*Rede*). A compreensibilidade já está sempre articulada, ainda que não temática ou explicitamente, pelo discurso (*Rede*). Heidegger caracteriza o *discurso* como sendo a “articulação da compreensibilidade do ser-no-mundo” (Heidegger, 1999, p. 220). Esta articulação possibilita a linguagem enquanto predicação e comunicação, isto é, o discurso permite a interpretação apropriadora da proposição. “O discurso se acha à base de toda interpretação e proposição” (Heidegger, 1999, p.219). Todavia, o discurso pode expressar-se através de seu modo mundano. “A linguagem é o pronunciamento do discurso” (Heidegger, 1999, p.219). A linguagem é a manifestação da articulação da totalidade significativa da compreensibilidade. Deste modo, as palavras podem ser entendidas como entes disponíveis com os quais o existente humano apresenta as relações de remetimentos e a estrutura “como”. Observa-se, portanto, que o enunciado só é possível porque o *Dasein* possui compreensão. Portanto, o discurso funda a proposição e a linguagem, ou seja, torna possível a manifestação ôntica do compreendido pelo ser-no-mundo.

Entendemos então que, em *Ser e tempo*, o enunciado não é mais mostrado como a estrutura formal originária. Há um momento anterior de articulação que possibilita a organização judicativa. Ao assumir a investigação da linguagem como ontologia fundamental, aquela surge como estrutura do sentido. Ainda que a linguagem seja vista como possibilidade de



desvelamento dos entes, não compete ao homem dela dispor; esta possibilidade provém do caráter transcendental do *Dasein* mesmo. Isto significa que a linguagem é questionada enquanto caráter existencial: como discurso (*Rede*).

Partimos desta colocação para analisar a leitura da linguagem feita por outros comentadores de *Ser e tempo*. Em algumas das discussões sobre este tema, encontramos a interpretação de W. Franzen, para quem o discurso é uma forma possível de fundar ontologicamente a linguagem². Nesta perspectiva, o discurso seria apenas mais um existencial “entre outros”. Teria um papel de anterioridade que desconecta, ao mesmo tempo em que desconsidera, a co-originariedade dos existenciais de abertura (Heidegger, 1999, p.219). A totalidade significativa da compreensibilidade fica comprometida, principalmente no que diz respeito à proposição e ao seu caráter derivado, e deve ser devidamente entendida. No parecer de Franzen, “ainda que Heidegger diga que o discurso é tão originário quanto os outros modos de abertura, no desenvolvimento mesmo da questão subordina o discurso ao compreender e, portanto, também ao encontrar-se” (Bay, 1998, p.265). Desta forma, o discurso é reduzido a um modo de unir o que foi aberto na compreensão. Ainda segundo Franzen, “o discurso é a base da interpretação e da proposição, porém, está ligado a uma compreensibilidade anterior a todo discurso e linguagem” (Bay 1998, p.265). Nesta interpretação do discurso, pressupõe-se um compreender pré-lingüístico que independe da linguagem. O discurso não explicaria de modo total a linguagem somente como uma espécie de fundamento existencial-ontológico da linguagem.

Contrariamente a esta tese, a que aqui empreendemos privilegia a linguagem como a forma articuladora do articular mesmo da compreensibilidade do ser-no-mundo, a forma do desvelamento dos entes e, portanto, caráter essencial do *Dasein*. Isto justifica nossa tese de que a noção de linguagem mostrada em *Ser e tempo* pode ser tomada como o componente formal do

²As referências ao texto de Franzen serão feitas a partir de BAY (1998).



movimento em que se desdobra a compreensão, afirmando, deste modo, a estreita relação que guarda com a abertura (*Erschlossenheit*), isto é, a relação com o modo existencial em que o *Dasein* revela-se a si próprio. Dá-se abertura desde a descoberta dos entes que não possuem seu modo de ser. Isto significa que a linguagem ocorre desde o exercer-se mesmo do *Dasein*. Em *Ser e tempo*, a linguagem será entendida como articulação da compreensibilidade do ser-no-mundo, instância instauradora de sentido enquanto existencial do *Dasein*. Veremos então que, a linguagem deixará de cumprir o papel de mediadora funcional entre homem e mundo. Uma interpretação da linguagem nos moldes de algo simplesmente dado desconsidera o exercício mesmo do *Dasein* e, por conseguinte, o todo da elaboração heideggeriana. Do ponto de vista existencial, a ordem da linguagem não é derivada, pois é a realização mesma da articulação ou de sentido originário. Assim, na análise da noção de Discurso (*Rede*) em *Ser e tempo*, partimos da hipótese de que o esquema heideggeriano sobre a co-originariedade dos modos de abertura apenas funciona se eles forem pensados num só movimento. Considerando isto, a leitura que aqui empreendemos mostra o discurso como *lógos* ou discursividade mesma do compreender. Justifica-se, deste modo, a idéia de que, na analítica existencial, discurso e abertura originam-se simultaneamente. A linguagem é caráter constitutivo do *Dasein*; não surge posteriormente ao *estar* no mundo, compete-lhe constitutivamente. Supondo, portanto, que, na analítica existencial, a pergunta pelo sentido do ser é elaborada tendo como tarefa paralela a determinação da índole do *lógos*, a dependência entre ser e linguagem indica o lugar preponderante da análise da linguagem para o pensamento heideggeriano.



Revista Alamedas – Revista Eletrônica do NDP
V.1, n.1, jan./jun.2006 – ISSN 1981-0253



Referências

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo** (parte I e II). Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 8ª ed. Rio de Janeiro : Vozes, 1999.

_____. **A caminho da linguagem**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro : Vozes, 2003.

BAY, T. A. **El lenguaje en el primer Heidegger**. México : Fondo de Cultura Económica, 1998.

BIEMEL, W. **Le concept de monde chez Heidegger**. Paris : Vrin, 2005.

DASTUR, F. Language and Ereignis. In: SALLIS, John. **Reading Heidegger – commemorations**. Indianapolis : Indiana University Press, 1993, ps.355-369.

DASTUR, F. **Heidegger et la question anthropologique**. Paris : 2003.

GAOS, J. **Introducción a “El Ser y el tiempo” de Martín Heidegger**. México : F.C. E., 1996.

GREISCH, J. **Ontologie et temporalité**. Paris : P.U.F, 1994.

GELVEN, M. **“Être et temps” de Heidegger**. Bruxelles : Ed. Mardaga, 1989.

PÖGGELER, O. **A via do pensamento de Martin Heidegger**. Lisboa : Instituto Piaget, 2001.

RÉE, J. **História e verdade em “Ser e tempo”**. Trad. José Oscar de Almeida Marques e Karen Volobuef. São Paulo : Unesp, 2000.

STEIN, E. **A caminho de uma fundamentação pós-metafísica**. Porto Alegre : Edipucrs, 1997.